
FRONTEIRAS DA CULTURA E DA ORALIDADE - FÓRUM INTERNACIONAL DE CONTADORES DE HISTÓRIAS E “FORO LATINOAMERICANO: MEMORIA E IDENTIDAD”

*Cristiano Guedes Pinheiro*¹

*Denise Marcos Bussoletti*²

*Lorena Almeida Gill*³

RESUMO

Este artigo apresenta algumas das experiências que levaram à constituição do *Fórum Internacional de Contadores de Histórias*, realizado em Pelotas no Rio Grande do Sul, em setembro e outubro de 2009, e que, possui uma estreita relação com o *Foro Latinoamericano: Memoria e Identidad*, que ocorre anualmente em Montevideú, no Uruguai. As experiências realizadas no Uruguai fomentaram a organização, no Brasil, de um espaço de valorização e reconhecimento das culturas populares, contribuindo para o fortalecimento de identidades e tendo como princípio o respeito pela diversidade. Acredita-se assim que são as tradições orais das culturas populares latino-americanas elementos vitais no fortalecimento de nossa esperança nessas novas fronteiras culturais.

Palavras chave: Cultura Popular, história oral, intercâmbio.

INTRODUÇÃO

Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história

Vitor Ramil

Yo no sé de dónde soy, mi casa está en la frontera

Jorge Drexler

Em setembro e outubro de 2009, realizamos O *Fórum Internacional de Contadores de Histórias* (FICH) na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O evento foi promovido pelo Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade⁴ (NALS) em parceria com o Núcleo de

¹ Graduando do curso de História e do Bacharelado em Antropologia Social, ambos pela UFPel

² Doutora em Psicologia, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas

³ Doutora em História, Professora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas

⁴ O NALS é um núcleo de ensino, pesquisa e extensão, vinculado à Faculdade de Educação. Atualmente participam do NALS, além de professores da Educação e da História, alunos de diversos cursos de graduação, como História, Pedagogia, Artes, Ciências, Teatro e da pós graduação em educação e Ciências Sociais.

Documentação Histórica⁵ (NDH), ambos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Essa atividade foi originalmente pensada como um projeto de extensão e atualmente se caracteriza como um projeto de pesquisa-ensino-extensão, que possui como objeto as tradições orais, com foco nas narrativas populares e no diálogo com as culturas da América latina, tendo como lugar de encontro-expressão outro evento realizado em Montevideu no Uruguai, denominado *Foro Latinoamericano: Memoria e Identidad* (FLMI). Para efeito deste artigo, é sobre esse intercâmbio, sua história, princípios, convicções teórico-metodológicas e seus primeiros resultados, que trataremos a seguir.

Cabe ressaltar inicialmente que a cidade de Pelotas, geograficamente localizada ao sul do Brasil, no Estado do Rio Grande dos Sul se situa próxima a fronteira do Uruguai, o que faz com que as culturas destes dois locais existam num espaço de confluência e de encontro. Uma identidade Outra nesse âmbito se revela, fazendo-nos afirmar outro universo possível de pensar a centralidade e a marginalidade, geográfica, cultural e política, como também possibilita descobrir nas similaridades e diferenças os traços particulares dessa cultura. Como diz Vitor Ramil, epigrafado acima: “Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história”(RAMIL, 2004, p.28).

O Fórum Internacional de Contadores de Histórias surge após sucessivas participações de professores e alunos da UFPel no foro do Uruguai. Como o próprio nome sugere, o FICH reuniu representantes de movimentos e grupos populares do Brasil e do Uruguai, para contarem suas histórias e vivências cotidianas. Contagiados pelo espírito de intercâmbio e de socialização de experiências educativas e construtivas do saber e do fazer acadêmico, em diálogo com os saberes e fazeres populares, que permeiam o *Foro Memoria e Identidad*, o grupo de Pelotas organizou um fórum que teve justamente, como tônica, a valorização e o reconhecimento das culturas populares. Essa valorização e reconhecimento se materializaram na metodologia que evidenciou a contação de histórias como ponto focal do fórum pelotense.

A partir dessa primeira experiência, pretende-se que o Fórum se consolide como um lugar de valorização da cultura popular, expressa através de seu viés de excelência, a história e a tradição oral das culturas populares. A periodicidade e a reedição anual do evento, prevê para setembro e outubro de 2010 a segunda fase do FICH onde se pretende, mais uma vez, reafirmar a parceria e o intercâmbio com o FLMI através de sua coordenação, movimentos e representantes populares uruguayos e latino-americanos.

Para que se entenda sobre o *Foro Latinoamericano: Memoria e Identidad*, cabe sucintamente, descrever um pouco deste. O evento de Montevideu difere-se pelo conceito e pela prática dos congressos habituais. Possui como eixo norteador o diálogo intercultural e o fortalecimento da identidade latino-americana que, conforme Néstor Ganduglia, um de seus principais organizadores, pode assim ser compreendido:

Ni siempre nos es fácil explicar que el Foro no es un Congreso, con el debido respeto a los Congresos. Es un ámbito de diálogo intercultural, y en términos menos técnicos, un lugar

⁵ O Núcleo de Documentação Histórica da UFPel é um lugar essencialmente de pesquisa e que conta com um amplo acervo documental.

donde recomponer la unidad perdida entre el pensar, el sentir y el hacer, un espacio de encuentro para la transformación mutua. Si la identidad es el conjunto de los motivos que tenemos para seguir juntos y juntas, entonces el Foro Latinoamericano es un espacio donde fortalecer identidades a partir, justamente, de la diversidad que somos y que constituye nuestra principal riqueza. Un ámbito de transformación mutua para reinventar la realidad. Suelo decir que si los cambios que anhelamos hacia un continente más incluyente, más humano y más justo están en territorio de lo imposible... allá habrá que ir buscarlos (GANDUGLIA, 2007, p. 21).

Nos últimos seis anos, o *Foro Latinoamericano: Memória e Identidade* vem sendo realizado em Montevideu e organizado pela associação civil Signo, criada em 1998 por um grupo de profissionais com o propósito de promover a aproximação da universidade às necessidades concretas da comunidade, buscando reduzir a distância histórica que separa o conhecimento acadêmico da realidade imediata, e apontando para a promoção de processos criativos e inovadores no sentido de fomentar o pensamento crítico como ferramenta de troca e de aumento da qualidade de vida das pessoas.

Em sintonia com os objetivos e perspectivas do FLMI, reafirmamos e concebemos o FICH como um espaço de valorização dos saberes e fazeres populares e das estéticas periféricas, compreendendo-os como meios e ferramentas fundamentais para a transformação social. O que vem a seguir se constitui como produto de nossas primeira reflexões nascidas da parceria entre a Signo e os grupos de trabalho aqui da UFPel (NALS e NDH), aproximando fronteiras e colocando na centralidade uma Outra história a ser apreendida.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Homi Bhabha introduz o seu livro “Locais da Cultura” com uma bela formulação de Heidegger que diz assim: “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*” (HEIDEGGER, 1971, citado por BHABHA, 1998, p. 20).

A região de fronteira entre o estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, e os países platinos é um território ainda pouco explorado do ponto de vista da compreensão teórica deste espaço, já que possui uma cultura específica. Existe uma forte orientação, nas pesquisas brasileiras que circunscrevem os limites investigativos a configuração do estado nacional, após o período da independência política (SILVA et. al., 2008). Tais estudos davam ênfase ao comércio e ao contrabando português na região do Prata e as conseqüências advindas ou ainda ao período conturbado das guerras platinas. Seguindo a análise das autoras, a historiografia produzidas nos dois países confere mais importância aos tempos de conflito do que aos tempos de paz, apontando para uma outra possibilidade de tratamento das inter-relações fronteiriças:

No entanto, a região de fronteira sempre foi palco de intenso intercâmbio humano e cultural, com levas de população deslocando-se entre os dois territórios, em busca de trabalho, melhores condições de vida, ou, em alguns casos, asilo frente às tormentas políticas, situação que se intensificou ao longo do século XX. Os habitantes das regiões fronteiriças

aprenderam a conviver e, de certo modo, aproveitar, duas sociedades que guardam, entre si, vários aspectos culturais distintos, construindo uma relação de tolerância e flexibilidade que cobre várias nuances da vida nas fronteiras (SILVA et. al., 2008, p. 1).

Recorrendo novamente a Bhabha, encontramos uma das categorias que possibilitam demarcar os novos signos de identidade que são produzidos nesses locais de cultura, Brasil-Uruguai, Pelotas- Montevidéu, aqui assumidos como “entre-lugares”, propriamente ditos e assim compreendidos:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

Zona de fronteiras, “entre-lugares”, território, também, da memória e da identidade. Segundo Pollak, “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva [...]” (1992, p. 5). Nossa proposta insere-se num tratamento específico da memória na sua relação com a identidade, elegendo as narrativas populares como foco para a valorização e (re)afirmação das culturas populares .

Desde suas origens esse projeto se coloca como tarefa dar um tratamento da memória e da cultura oral, numa atenção específica à possibilidade de recuperação da dimensão ética que a relação de alteridade implica – O Outro. Numa contraposição explícita a toda e qualquer forma de “epistemicídio” na direção da construção através da tradição oral das culturas populares oportunizando conhecimentos alternativos aos que a modernidade capitalista engendrou como cenário denominado e falseado como única “realidade” possível. Ressaltamos, através de Boaventura Santos, o “epistemicídio” é (ao lado, porém mais vasto que o genocídio) o grande crime contra a humanidade:

Para além do sofrimento e da devastação indizíveis que produziu nos povos, nos grupos e nas práticas sociais que fora por ele (*epistemicídio*) alvejados, significou um empobrecimento irreversível do horizonte e das possibilidades de conhecimento. Se hoje se instala um sentimento de bloqueamento pela ausência de alternativas globais ao modo como a sociedade está organizada, é porque durante séculos, sobretudo depois que a modernidade se reduziu à modernidade capitalista, se procedeu à liquidação sistemática das alternativas, quando elas, tanto no plano epistemológico, como no plano prático, não se compatibilizaram com as práticas hegemônicas (SANTOS, 2001, p. 329).

Podemos considerar também o fato de que a oralidade e os conhecimentos tidos como tradicionais têm sido tomados como expressões fundamentais na identificação cultural dos povos (PELEGRINI & FUNARI, 2008, pp. 54-55), principalmente da cultura popular, que tem na tradição oral, a acumulação capital de suas criações sócio-culturais. Vários são os pensadores, que ao longo do último século, perceberam a importância e validade dos conhecimentos produzidos através da história oral. Walter Benjamin, em seu texto *O*

Narrador, de 1936, destacava a importância da figura do narrador, do indivíduo forjado na experiência e que domina a arte da oralidade e alerta para o fato de que a experiência de narrar está em vias de extinção. A arte de “saber narrar” está ameaçada e com ela a “faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, pp. 197-198).

Michael Pollak é bastante enfático sobre a crítica que se fazia à história oral como método historiográfico. Para o autor:

[...] não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (1992, p. 8).

Outro pensador, que deu grande importância para a história oral, foi o escritor africano Joseph Ki-Zerbo, uma vez que, segundo ele: “a tradição oral não é apenas uma fonte que se aceita por falta de outra melhor e à qual nos resignamos por desespero de causa. É uma fonte integral, cuja metodologia já se encontra bem estabelecida [...]”. Ainda, segundo Ki-Zerbo: “Seus guardiões são os velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura” (1982, p. 27-31).

Ki-Zerbo se refere à história oral a partir de sua inspiração inicial, tal como Philippe Joutard (2000, p. 33) que chama a atenção para o fato que os primeiros trabalhos na área pretendiam: “ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz realidades ‘indescritíveis’, quer dizer aquela que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono”.

Atualmente não é mais necessário reafirmar constantemente a importância da construção das fontes orais, já que a trajetória desta metodologia está consolidada, sobretudo com a constituição de programas de pós-graduação no Brasil que produzem sobre a temática, mas também tendo em vista a articulação de encontros regionais, nacional e internacional, que promovem debates e intercâmbios entre os pesquisadores.

Autores como Bosi (1987), Barros (1989), Benjamin (1994), Portelli (1996), Ferreira (2000), Candau (2002), Halbwachs (2004), Alberti (2004), Sarlo (2005) Meihy e Holanda (2007), dentre outros, têm contribuído para a execução de projetos com uma sólida base teórica e metodológica.

Do estudo para a realidade é importante relacionar a ação das próprias comunidades, expressa na preservação de sua cultura, transmitida de geração em geração, como forma de resistência. Resistência esta que tem se materializado em inúmeros fóruns, encontros, manifestações e ações de salvaguarda promovidas por estas comunidades. Como exemplo, o *Ofício das Paneleiras de Goiabeiras*, no Estado do Espírito Santo, onde se tem passado de mãe para filha, por gerações, oralmente, a arte de produção de painéis de barro (IPHAN, 2006, p.13), ou mesmo dos inúmeros rituais ou *saber fazer*, transmitidos de geração para geração nos mais diversos lugares do planeta.

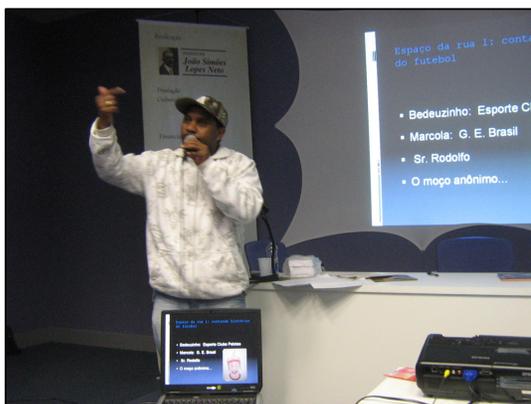
Dessa forma podemos afirmar da importância em dar visibilidade às trocas possíveis realizadas nesta zona de fronteira específica que une e separa culturas distintas e ao mesmo

tempo próximas. A oralidade se reveste nesta perspectiva como fonte e manifestação das identidades das culturas populares, suas crenças, valores e sua história que ao ser narrada ao sabor da experiência, é contada e re-contadas e desta forma conservada enquanto resistência, enquanto experiência de transformação ainda possível.

2. O FÓRUM INTERNACIONAL DE CONTADORES DE HISTÓRIAS

As atividades do Fórum se desenvolveram em dois momentos. No primeiro, o qual tratamos como um prólogo para o evento, realizamos um Seminário que nominamos de *Contadores de Histórias: Contribuições da Cultura Afro-Brasileira no Imaginário da Cidade*. O segundo momento foi o Fórum propriamente dito, o qual nominamos de *Contadores de Histórias: Contadores e Contra-dores*.

O Seminário ocorreu entre os dias 23 e 24 de setembro de 2009, no Instituto João Simões Lopes Neto e pretendeu antecipar um dos temas do Fórum – a importância da cultura negra no imaginário da cidade. Durante esses dois dias, diversos debatedores discutiram com o público, como a música, a religião, a luta e a resistência negra contribuíram para a construção identitária da cidade de Pelotas (Fig. 1 e 2). Mais que exposições de pesquisas ou debates teóricos, que obviamente ocorreram, o que presenciamos, foram contações ou diferentes narrativas de como a música, a religião, a luta e a resistência, contribuíram para uma construção identitária da cidade revelada no ideário coletivo.



**Fig. 1: Plenária da temática:
Luta e Resistência Negra.**

Foto: Acervo do NALS



**Fig. 2: Plenária da temática:
Religião e Cultura Negra.**

Foto: Acervo do NALS

Já o Fórum realizou-se entre os dias 15 e 16 de outubro de 2009, na antiga fábrica de Fiação e Tecidos, no Porto, em Pelotas/RS (Fig. 3 e 4), local que por si só contextualiza parte da memória da cidade nem sempre vista, a memória dos trabalhadores, como um dos personagens do palco da história dos excluídos. O evento reuniu durante dois dias representantes de movimentos e grupos populares (velhos, crianças, catadores, mulheres,

negros, foliões, carnavalescos e movimentos campesinos, entre outros) do Brasil e do Uruguai. Esses narradores não eram os representantes oficiais, as lideranças ou representantes acadêmicos. Eram pessoas comuns, pertencentes às bases dos movimentos ou grupos populares que acataram o convite e se abriram a experiência de buscar contar a sua história.

Os narradores-contadores foram divididos em três rodas de contos: **Roda das Mulheres**, a **Roda da Terra** e a **Roda do Carnaval** (Fig. 5 e 6), conforme a identificação do contador e de sua história com a Roda. Nas Rodas, literalmente organizadas nesse formato, contadores e ouvintes, se acomodavam e após a contação, havia uma intensa troca de experiências-ideias estabelecendo um fluxo narrativo único. Importante salientar, que os contadores tinham total liberdade de narrar suas histórias; naquele momento, o que interessava ao Fórum eram as histórias contadas, as quais permitiram a valorização desse instrumento de expressão da cultura popular e da permanência da memória.



Fig. 3: Dança dos Orixás (Abertura).

Foto: Gilberto Carvalho



Fig.4: Canto de Saudação (Abertura).

Foto: Gilberto Carvalho



Fig. 5: Suzete Vargas na Roda do Carnaval Roda das Mulheres que homenageou a escritora negra Maria Helena Vargas da Silveira.

); Acervo do NALS

Foto: Acervo do NALS

3. EXPERIÊNCIAS E INTERCÂMBIO: FORO LATINOAMERICANO: MEMORIA E IDENTIDAD E FÓRUM INTERNACIONAL DE CONTADORES DE HISTÓRIAS

Numa dinâmica de interação mútua, no ano de 2009, o primeiro fórum a se realizar foi o FICH em Pelotas, entre os meses de setembro e outubro de 2009, conforme abordado. Na segunda fase do evento que ocorreu em outubro de 2009, contamos com a participação de Néstor Ganduglia, na abertura, representando o foro uruguaio. Na fala de abertura, Néstor enfatizou a importância da integração e do diálogo entre os povos e as culturas da América Latina (Fig. 7). Para ilustrar essa contribuição, abordou aspectos da sabedoria das culturas ancestrais, entre outros, o caso do “espírito do mate”. Ganduglia, afirmou que temos subestimado as tradições culturais populares, a ponto de inventar que tradição é o oposto de mudança. Considerou que nada é mais “absurdo” do que essa “dicotomia delirante”. A tradição para ele é justamente o contrário, ou seja, é um caminho que se estabelece como trocas possíveis. Para ilustrar ainda mais, Ganduglia contou que a crença no espírito do mate é comum dentre as pessoas da “campanha”. A crença se manifesta no ato de cuspir a primeira cevada, quando da preparação do mate, deixando esta para “o espírito” que é “La Pacha”, ou o espírito da terra mãe. Nesta perspectiva, o mate, é muito mais do que o significado que lhe atribui o dicionário da Real Academia, algo como uma “infusão que ocasionalmente se toma com ervas medicinais”. Para Néstor, o mate é uma milenária tradição, que envolve ritos, permeada de valores e sentidos que somente um “iniciado” é capaz de conhecer. O espírito do mate, nesta perspectiva, é o espírito do encontro humano. Tomar mate se constitui assim, num ritual mágico, onde até uma conversação, por vezes difícil, se torna facilitada quando este é compartilhado entre as pessoas. O mate é entregue, sem esperar nada em troca, transcendendo quaisquer diferenças, quer sejam sociais, econômicas ou de instrução. Constitui-se em um instrumento de diálogo, franco e fraterno. Para ele no mate habita o espírito de uma cultura que traduz um modo particularmente “nosso” de estabelecer vínculos sociais e territórios de identidade e diferenças. Muitas histórias se contam em rodas de mate e se fazem assim, reforçadoras de culturas de resistência.

Entre um mate e outro, culminando a experiência de intercâmbio, a equipe organizadora do evento em Pelotas, estudantes, alunos e técnicos da UFPel, além de outros participantes, deslocaram-se em caravana ao fórum de Montevidéu, no início de novembro de 2009. Além das discussões individuais e coletivas, trocas de experiências que travamos no 6º

Foro Latinoamericano: Memoria e Identidad, o NALS6 re-apresentou a performance artística *Dança dos Orixás* (FIG. 8), já na abertura do evento. Foi neste momento específico que os tambores e ritmos afro-brasileiros uniram-se aos tambores e ritmos afro-uruguaiois, e em uma só voz e expressão, demonstraram a todos os participantes do evento, representantes de todos os povos da América Latina, do Caribe e da Europa, a disposição em construir Outras fronteiras de um Outro possível mundo



Fig. 7: Fala de Néstor Ganduglia durante a abertura do evento.

Foto: Gilberto Carvalho

Conclusão



Fig. 8: Integrantes do NALS que apresentaram a Dança dos Orixás, em Montevidéu.

Foto: Acervo do NALS

Entre a preparação do Seminário e do Fórum de Contadores de Histórias, passamos por um longo aprendizado, no qual o fortalecimento e a consolidação do evento como um projeto permanente de valorização da cultura popular, a partir da história oral, é mais do que uma possibilidade, é uma realidade efetiva e um desafio em perspectiva. Essa é parte da trajetória inicial do *Fórum Internacional de Contadores de Histórias* que intercambiado com o *Foro Latinoamericano Memoria e Identidad*, que revela e potencializa uma das funções que dignifica o espaço acadêmico enquanto lugar de expressão e valorização de diferentes culturas.

Pela troca e pela experiência de intercâmbio entre estes locais da cultura, brasileira e uruguaia, segue a proposta de dar continuidade a essa contação de histórias e a constituição de um espaço em que ouvintes e narradores sejam protagonistas de uma historia Outra, polifonicamente estabelecida.

REFERÊNCIAS

6 Participam atualmente do NALS, as professoras Denise Bussoletti, Lorena Gill e os Alunos Annanda Jablonski, Everton Lessa, Cleber Costa, Eliana Braz, Angelita Ribeiro, Cristiano Pinheiro, Gilberto Carvalho, Lucia Carvalho e Miriam Romero.

- ALBERTI, V. Ouvir Contar. *Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- BARROS, M. Memória e Família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- BENJAMIN, W. O Narrador. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; Vol.I).
- BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.
- CANAU, J. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- FERREIRA, M. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.
- GANDUGLIA, N. e MOTTA, N. *Horizontes de Maíz y Barro: saberes e imaginários em diálogo hacia um nuevo orden social*. Memórias del 4º Foro Latinoamericano "Memória e Identidad". Imprenta Boscana: Montevideo, 2007.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, Brasil. *Ofício das paneleiras de Goiabeiras*. Brasília: 2006, 70 p.
- KI-ZERBO, J. *Introdução geral*. vol. 1, p. 21-42. In: UNESCO. História geral da África. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. 8 volumes.
- MEIHY, J. e HOLANDA, F. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PELEGRINI, C.A.; FUNARI, P.P.A. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RAMIL, V. *A estética do Frio: Conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- SANTOS, B. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SARLO, B. *Tempo presente*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- SILVA, F.; MIRANDA, C; GILL, L e LONER, B. Experiências além fronteiras: trajetórias de mulheres afrodescendentes no Brasil e no Uruguai. In: Horizontes de Maíz y Barro. *Memorias del 4to. Foro Latinoamericano Memoria e Identidad*. Montevideo: Imprenta Boscana, 2008.